



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Defaveri Begossi, Tuany; Bellani Lyra, Vanessa; Zarpellon Mazo, Janice
As aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata, RS
(1937-1949)

Educação Unisinos, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 206-216

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644340006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata, RS (1937-1949)

Lessons of Physical Education at Colégio Nossa Senhora Aparecida, in Nova Prata, Rio Grande do Sul State (1937-1949)

Tuany Defaveri Begossi
tuany_begossi@hotmail.com

Vanessa Bellani Lyra
vblyra@ucs.br

Janice Zarpellon Mazo
janmazo@terra.com.br

Resumo: O Colégio Nossa Senhora Aparecida, situado na cidade de Nova Prata (RS) é uma instituição de ensino fundada em 24 de fevereiro de 1937, vinculado à Congregação do Imaculado Coração de Maria. Em razão dos valores propagados pelas instituições educacionais católicas, havia o anseio de um grupo de pessoas da comunidade pela instalação de uma escola dirigida por religiosas. Partindo-se de uma perspectiva histórico-cultural de análise – fomentada pela interface com a categoria sociológica “campo”, adotada e inspirada na obra de Pierre Bourdieu –, o estudo é conduzido no sentido de identificar as condições de emergência, de inserção e de funcionamento do referido colégio em sua função formadora. A investigação está assentada na análise de documentos escritos, iconográficos e orais, os quais foram concebidos enquanto materiais e textos históricos, portadores de mensagens, sentidos e finalidades particulares ao seu contexto. Assim interpretadas, as fontes revelaram que o Colégio Nossa Senhora Aparecida se estabeleceu como instituição que refletia os interesses e os modelos nacionais preestabelecidos e, ao mesmo tempo, trazia à cidade de Nova Prata um conceito de Educação e, particularmente, de Educação Física, jamais visto antes na cidade.

Palavras-chave: História da Educação Física, escola, ginástica.

Abstract: Colégio Nossa Senhora Aparecida, in the town of Nova Prata, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, is an educational institution founded in February 24, 1937, linked to the Congregation of Imaculado Coração de Maria. Because of the values propagated by Catholic educational institutions, a group of people wished to have in the community a school run by nuns. Beginning with a historical-cultural analysis perspective – fostered by the interface with the sociological category “field”, adopted and inspired by the work of Pierre Bourdieu –, the study is conducted to identify emergency conditions, integration and operation of that school in its developmental function. The research is grounded in the analysis of written, oral and iconographic documents, which were designed as material and historical texts, carriers of messages, meanings and context to its particular purposes. Interpreted this way, the sources revealed that Colégio Nossa Senhora Aparecida established itself as an institution that reflected the interests and pre-established national models and, at the same time, brought a never seen concept of education, and particularly physical education, to the city of Nova Prata.

Keywords: History of physical education, school, physical education.

Introdução

O Colégio Nossa Senhora Aparecida é uma instituição de ensino localizada no município de Nova Prata, fundada em 24 de fevereiro de 1937, pela iniciativa do Padre Luiz Mascarello e de um grupo de senhoras. Em razão dos valores propagados pelas instituições educacionais católicas, havia o anseio de um grupo de pessoas da comunidade pela instalação de uma escola dirigida por religiosas (Colégio Nossa Senhora Aparecida, s.d.[b]). Essa instigante realidade fez surgir o interesse pelo presente estudo, na medida em que se tornava possível e curioso compreender tais contornos educacionais e, dentro deles, o tempo e o espaço da Educação Física. Diante desse contexto, o objetivo que aqui conduziu a escrita deste texto foi o de descrever características das aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida, desde sua instalação, no ano de 1937, pela Congregação do Imaculado Coração de Maria, até o ano de 1949, quando ocorreu a solenidade de formatura da primeira turma do curso Ginásial.

O referido colégio, primeiramente denominado de “Escola Particular Nossa Senhora Aparecida”, iniciou suas atividades em meio a muitas dificuldades, em uma casa de madeira, doada por membros da comunidade de Nova Prata (Colégio Nossa Senhora Aparecida, s.d.[b]). Com o passar dos anos, o número de alunos foi aumentando, e as acomodações não conseguiam mais atender às demandas provenientes dos grupos de estudantes, que se renovavam anualmente: faltavam salas de aula, espaços para recreio e, inclusive, era insuficiente o espaço para a realização de práticas corporais sistematizadas.

Assim, com vistas a satisfazer as exigências de acomodação e de ensino, iniciou-se, no ano de 1943, a construção de um prédio de alvenaria especialmente destinado para as atividades práticas. Poucos anos depois, a manutenção dessas novas ideias pedagógicas, nas quais o movimento corporal ganhava tempo e espaço no ambiente educacional brasileiro, deu vazão à construção de outras obras destinadas às aulas de Educação Física no Colégio Aparecida. Desse modo, as exigências da “nova pedagogia” que atravessava as ideias educacionais no Brasil (Colégio Nossa Senhora Aparecida, s.d.[b]) repercutiam no contexto educacional de Nova Prata, em meados da década de 1940, estimulando a ampliação e a melhoria das instalações para suas atividades e para o oferecimento de novos cursos.

A trajetória do Colégio Nossa Senhora Aparecida, como instituição educativa, gerou um significativo *corpus* documental, composto, em sua grande maioria, por documentos administrativos que nos forneceram vestígios das práticas escolares (Begossi, 2013). Nesse espectro, a busca por tais registros, principalmente os relacionados com a configuração das aulas de Educação Física, foi bastante instigante, pelos motivos que seguem.

Em primeiro lugar, levamos em consideração o fato de que o referido colégio se posicionou no cenário educacional pratese como uma instituição que possuía certas particularidades, ainda desconhecidas no campo. Entre elas, podemos citar o oferecimento do sistema de internato, que, dirigido por religiosas e destinado apenas às alunas, teve sua trajetória marcada por características morais conservadoras.

De outro modo, investigar a Educação Física em meio à trajetória do Colégio Nossa Senhora Aparecida se fez igualmente interessante, na medida em que consideramos o fato de o mesmo ter sido fundado em um período histórico no qual a Educação Física estava passando por um processo de transição no que diz respeito à legitimidade de seus conteúdos. Tendo como referencial, inicialmente, o ideário do militarismo – jogo, dança, esgrima, equitação, canto –, tais conteúdos foram se transformando no interior do colégio, e passaram a se firmar, a partir de 1940, como um movimento que tendia à hegemonia esportiva (Soares, 1996).

Nesse contexto, é interessante destacarmos o fato de que, apesar da relevância histórica do colégio, para a Educação Física sul-rio-grandense, de um modo amplo e, para o município de Nova Prata, de um modo particular, não existem estudos que se dediquem a descrever como se constituíam as primeiras práticas corporais sistematizadas em escolas ou em outras instituições, como, por exemplo, nos clubes dessa cidade. Além disso, são escassos os estudos que evidenciam registros históricos relacionados com a formação da sociedade local e suas instituições de ensino, culturais e esportivas, sendo encontradas apenas quatro publicações que abordam tal temática: Farina (1986), Galeazzi (1982, 1998) e Xerri (2004)¹.

Na perspectiva de contribuir para a preservação da memória social do processo de escolarização da Educação Física no estado do Rio Grande do Sul, bem como do município de Nova Prata, justifica-se a realização desta pesquisa. Para tanto, buscou-se apoio teórico na tradição historiográfica da Nova História Cultural, com

¹ As obras citadas apresentam uma abordagem panorâmica sobre o município de Nova Prata, destacando, principalmente, aspectos formativos e políticos.

a qual compartilha uma série de afinidades teórico-metodológicas. De um lado, a utilização da inspiração teórica de Bourdieu (1983, 1996) e seu conceito de “campo” nos fez tensionar a realidade da Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida, na medida em que a posicionamos em meio a um contexto sócio-cultural do qual se fez, ao mesmo tempo, produtora e produto. Seguindo o ideário bourdieusiano (Bourdieu, 1983), “campo” é concebido como um espaço social concorrencial, marcado, sobretudo, por relações de força e monopólios a serem – em disputas simbólicas – estabelecidos, defendidos, quebrados e por suas estratégias que advogam interesses que proporcionam acúmulo de capital simbólico.

De outro, a utilização de fontes de naturezas diversas em busca da compreensão da realidade almejada, solidificou os vínculos com a perspectiva historiográfica eleita. Neste estudo, a pluralidade de discursos sobre nosso objeto de análise foi percebida e interpretada a partir do conjunto de fontes de que fizemos uso. Cabe ressaltar que, para esse momento, as fontes privilegiadas compuseram dois grupos distintos e complementares: os documentos orais foram compostos por entrevistas realizadas com dez alunas² da primeira turma do Colégio Nossa Senhora Aparecida, as quais foram transcritas e, após, submetidas à análise metodológica da História Oral (Bosi, 1994; Meihy, 1996; Alberti, 2005); e os documentos escritos, compostos por Registros de Matrí-

cula do ano de 1937 ao ano de 1949; (Colégio Nossa Senhora Aparecida, s.d.[b]); Lista da primeira turma de concluintes do Curso Ginásial e Histórico do Colégio (Colégio Nossa Senhora Aparecida, s.d.[a]),³ sendo estes interpretados a partir da técnica da análise documental (Pimentel, 2001; Lüdke e André, 2007; Corsetti, 2006).

Ademais, importa destacarmos e, ao mesmo tempo, assumirmos, a localização desta pesquisa na tradição da historiografia da Educação, aqui entendida como um campo de estudo que tem como objeto de análise o que se refere ao tempo e ao espaço educacionais. Para além, em termos de teoria e metodologia utilizadas no campo da História da Educação, esta pesquisa se aloca dentre aquelas que se propõem a investigar a história de instituições escolares. De acordo com Werle (2004, p. 14), a história das instituições escolares “é uma tentativa de enunciar, de elaborar um discurso, uma interpretação à qual se daria um estatuto privilegiado, vinculado, o mais possível, a diferentes momentos ou fases da instituição e a seu contexto”.

Depois de interpretadas, as fontes históricas nos permitiram reunir as informações coletadas em três subitens, que assim se organizam neste texto: “Colégio Nossa Senhora Aparecida: um novo conceito de educação em Nova Prata”, no qual se destacou aspectos históricos relacionados à fundação do Colégio Nossa Senhora Aparecida, enfatizando sua trajetória como instituição educativa no período de 1937 a 1949; “As au-

las de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida”, no qual se buscou destacar como se constituíam as aulas de Educação Física no Colégio, descrevendo os conteúdos e os significados atribuídos a eles por ex-alunas; e, por fim, “As aulas de Educação Física e a preparação para a Semana da Pátria”, abordando questões relacionadas à preparação do Colégio Nossa Senhora Aparecida para as comemorações da Semana da Pátria no município de Nova Prata.

Colégio Nossa Senhora Aparecida: um novo conceito de educação

A presença dos católicos nos meios escolares é fato marcante para a história da Educação no Brasil. De maneira inicial, a atuação da Igreja na Educação se deu através dos jesuítas e, após, a partir do século XX, com as Ordens e Congregações religiosas estrangeiras. Estas últimas, por sua vez, fizeram a rede de ensino Católico crescer significativamente em nosso país (Furtado, 2002, p. 2).

Foi nesse mesmo período que se deu mais atenção à educação feminina, uma vez que a classe dirigente brasileira, em aliança com a ala conservadora da Igreja Católica proporcionou a vinda de congregações religiosas femininas para se encarregar da instrução das jovens de elite (Furtado, 2002). A vinda de tais congregações religiosas europeias proporcionou a instalação de vários colégios, que se espalharam por todo o Brasil (Amaral, 2003).

² Como forma de seleção das entrevistadas, recorreu-se, inicialmente, aos registros de matrícula do Colégio, a fim de organizar uma rede de depoentes. De maneira inicial, não foi possível estabelecer um número exato de alunas colaboradoras, sendo este dado dependente da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, bem como da profundidade e do grau de recorrência e divergência das informações. Todas as colaboradoras do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concedendo os direitos de divulgação do depoimento de caráter histórico e documental ao Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS).

³ Tais fontes encontram-se arquivadas na secretaria do Colégio Nossa Senhora Aparecida, localizado no município de Nova Prata. Estes estão disponíveis para consulta a todos aqueles que se interessem pela história dessa instituição de ensino. Para o presente estudo, os documentos analisados, de certa maneira, contemplavam o recorte temporal estabelecido pela investigação, ou seja, do ano de fundação do Colégio (1937) até o ano da formatura da primeira turma do Curso Ginásial (1949).

Dentre eles, destacamos o Colégio Nossa Senhora Aparecida, fundado no município de Nova Prata (RS), em 24 de fevereiro de 1937.

A história do Colégio Nossa Senhora Aparecida se inicia anteriormente à década de 1930. Havia muito tempo que o Padre Luiz Mascarello vinha tratando da criação de um colégio de irmãs no município de Nova Prata e, para que seu desejo fosse atendido, organizou um grupo de senhoras, que, animadas com o ideal, também passaram a sonhar com um colégio dirigido por religiosas. Assim, de modo a materializar esse anseio, a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria⁴ aceitou o novo encargo.

As atividades no Colégio iniciaram, de fato, no dia 24 de fevereiro de 1937, quando chegaram ao município de Nova Prata as primeiras Irmãs da Congregação. Com o intuito de assumir questões administrativas e educacionais da nova instituição de ensino, aportaram, inicialmente, a Madre Florência do Coração de Maria – Superiora, a Irmã Maria Flávia da Sagrada Paixão e a Irmã Maria Cândida de São José (Colégio Nossa Senhora Aparecida, s.d.[a]). O espaço que foi sede dos primeiros anos letivos foi descrito por uma ex-aluna: “O colégio era no mesmo local que é agora, mas era em uma casa de madeira, grande, comprida. Antes de ser o colégio, naquela casa funcionava uma exatoria e outras repartições” (Briani, 2012). Além de destacar sua estrutura física, as alunas lembraram o ambiente interno do colégio:

Eu me lembro que o Colégio Aparecida eram duas casas [...]. Eu estudei na parte de cima, naquela casa de

cima, depois eu desci na outra e a sala de aula era uma mesa enorme, quer dizer, duas mesas onde era o refeitório também. Não tinha espaço, eram muitos alunos e não tinha sala suficiente. Então, era uma mesa com bancos dos dois lados, então, era aquela bagunça. Eu me lembro que nós entrávamos na outra sala, onde tinha a Madre Florência, e tinha a capela. Seguidamente nós íamos para o castigo, porque era uma bagunça (Miletto, 2012).

Diante dos registros documentais consultados e através dos depoimentos orais de alunas da primeira turma do Colégio, constatou-se que as atividades educacionais da instituição de ensino aconteceram em um espaço construído, inicialmente, para servir como residência. Após certo tempo, transformou-se em local administrativo e, posteriormente, veio a se tornar a sede do Colégio Nossa Senhora Aparecida. Apesar de tais mudanças relacionadas à utilidade desse local, o espaço estrutural, em si, permaneceu o mesmo (Begossi, 2013). Essa questão pode ser reafirmada, entre outras, através de um dos trechos do depoimento de uma ex-aluna: “Ah, eu me lembro da capela. Era aconchegante, porque era no meio do colégio, sabe? E não tinha muito banco, me lembro. As salas de aula eram peças de uma casa, assim, até porque era uma casa, os bancos eram muito bons e compridos” (Elias, 2012).

O primeiro ano letivo do Colégio teve início no dia primeiro de março de 1937, contando com 156 alunos matriculados, conforme registro de matrícula da instituição. Desse total, seis eram alunas internas, ou seja, permaneciam no colégio por tempo integral. Essa possibilidade de ser

aluna interna foi oferecida desde o primeiro ano letivo, uma vez que era grande o coeficiente de meninas que residiam em outras cidades e que se deslocavam à Nova Prata somente para estudar. Uma das colaboradoras do estudo destacou a presença de meninas de outros municípios no internato:

O internato era só de meninas. Tinha gurias de Guaporé, ali do André da Rocha, bastante, de Lagoa Vermelha, do Paraí [...]. Isso que tinha internato em Nova Bassano também [...]. Não tinham tantas mudanças como agora. Eu estudei do primeiro ao sétimo ano, mas não teve mudanças, até o professor, era sempre o mesmo (Lenzi, 2012).

Um ponto que merece ser destacado é que desde o primeiro ano de funcionamento do colégio, aceitava-se o ingresso de meninos e meninas. Além disso, em nenhuma das aulas ministradas separava-se os alunos por sexo, com exceção das aulas de trabalhos manuais, as quais eram oferecidas apenas para as meninas. Este é um ponto bastante curioso, uma vez que, segundo Amaral (2003), a coeducação, entendida como sendo a prática que atendia conjuntamente meninos e meninas, era bastante combatida pelos educadores e moralistas católicos. A Igreja considerava ser um erro perigoso para a educação cristã o chamado “método de coeducação”, uma vez que a familiaridade entre os sexos poderia proporcionar a promiscuidade, facilitando a “eclosão de más paixões, de fatos imorais e de incidentes sentimentais” (Amaral, 2003, p. 105).

Pouco tempo após o início das atividades no colégio, já em abril de 1937, chegaram mais duas Irmãs,

⁴ A Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria foi fundada pela Irmã Bárbara Maix, no dia 8 de maio de 1849, no Rio de Janeiro. Natural de Viena, na Áustria, Bárbara embarcou para o Brasil devido à revolução Josefinista, que se posicionava contrária às ordens religiosas. Chegando ao Brasil, dedicou-se à educação de meninas e a dar assistência às jovens desempregadas, sendo esta sua principal inspiração para a criação da Congregação (Irmãs do Imaculado Coração de Maria, s.d.).

Giselda e Melânia, com o intuito de auxiliar nas atividades educacionais. Como o número de alunos era bastante significativo, em outubro do mesmo ano, chegou também a Irmã Cláudia, sendo esta responsável pelas aulas de pintura. Uma das ex-alunas, colaboradora do estudo, destacou as aulas de trabalhos manuais, lembrando-se também do nome de suas professoras:

No colégio, nós tínhamos também bordado, a Irmã Flávia era a professora de bordado, a Irmã Cláudia que era professora de pintura, a Irmã Niqueta que era professora de corte e costura, isso era o que fazíamos durante a tarde, porque de manhã íamos para as aulas. De noite, após a janta, nós tínhamos uma hora de recreio, íamos para a aula de bordado ou pintura e depois, no máximo às nove horas, tinha que ir dormir (Jacques, 2012).

Tais trabalhos manuais aprendidos na escola adentraram as casas dessas ex-alunas. Assim, por diversas vezes, durante a realização das entrevistas, toalhinhas, lençóis e lenços eram retirados de gavetas e exibidos, com muito orgulho. Além disso, inevitavelmente, surgiam histórias que faziam aquelas senhoras viajarem de volta ao passado por alguns segundos (Begossi, 2013).

O que se pode perceber é a influência que o colégio teve sobre os comportamentos aprendidos e reproduzidos na sociedade na qual essas ex-alunas estiveram inseridas. Ao se lembrarem das aulas de pintura e de bordado, reproduziram em seu cotidiano as habilidades da irmã professora. Dessa forma, torna-se possível perceber tal interferência das atividades escolares em suas atividades profissionais ou em sua vida pessoal, revelando as influências da instituição educativa para dimensões sociais além dos muros da escola.

Para além dessas questões, o número de alunos do Colégio Nossa

Senhora Aparecida crescia a cada ano letivo. No histórico do colégio, traçou-se, de maneira sucinta, o número de alunos dos anos letivos que mais se registraram matrículas, desde a sua fundação. Em um movimento crescente, no período estudado (1937-1949), o colégio iniciou suas atividades com o número de 109 matrículas e atingiu seu auge no ano de 1947, com o número de 300 matrículas (Colégio Nossa Senhora Aparecida, s.d.[a]).

Em decorrência do crescente número de alunos matriculados a cada ano, as instalações do colégio já não eram mais suficientes para atender às demandas emergentes. Diante disso, em dezembro de 1942, por ocasião da visita da Superiora Geral Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento, decidiu-se dar início a construção de um novo prédio, para assim melhor acomodar o número de alunos. Além do auxílio dado pela comunidade geral, juntamente com a bênção solene à Pedra Fundamental da nova escola, realizaram-se rifas e jogos em benefício da construção do novo prédio, que foi levado a feito no ano de 1944.

O prédio de dois andares foi construído de forma retangular, contendo salas de aula, pátios e área de recreação. As salas de aula eram divididas conforme seu público: alunos menores, alunos maiores e pensionistas. Essa disposição espacial tem forte conotação, refletindo, também, em sua estrutura física, um sistema de valores reguladores, tais como ordem, disciplina, controle e vigilância.

A localização do colégio também transmite uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores, uma vez que se localiza, estrategicamente, ao lado da igreja matriz do município, constituindo, dessa forma, um importante núcleo religioso e educacional. Além disso, o rigor com que a educação fora tratada nessa época pode ser percebido

por características destacadas pelas ex-alunas em seus depoimentos orais. Alguns trechos destacam características físicas das salas de aula que ajudavam a formar o espaço disciplinar:

As janelas eram fechadas, com cortinas, e não conseguíamos enxergar nada lá fora, era uma cortina colada no vidro, não tínhamos como abrir. Era assim (Jacques, 2012).

Depois a sala era toda com aqueles bancos compridos, ela ficava na frente e dava as ordens [...]. Tinha cortina no vidro, não podíamos olhar para fora. Elas cuidavam e nós tínhamos que respeitar, “bota respeito” que tinha que ter (Lenzi, 2012).

A escola é um lugar de formação, de integração e de socialização. Ao mesmo tempo em que é um lugar de ensino e de aprendizagem, é também lugar de controle e de disciplina. A maneira como as irmãs administravam o colégio também foi lembrada pelas ex-alunas da instituição. Ao passo em que relatavam questões relacionadas ao rigor das religiosas, concordavam que o ensino em si precisava ser daquela forma. Entendiam, assim, que a educação transmitida por elas detinha o ensino e o rigor na medida certa, ou seja, havia um equilíbrio entre ambos (Begossi, 2013).

Por diversas vezes, relembaram os castigos aplicados, mas também lembravam os motivos que levavam à tal ação:

Elas eram rigorosas, mas eu acho que eram o que deveriam ser [...]. Elas mantinham a ordem, isso, sim. Qualquer coisa que fizéssemos fora de hora, daí, sim, recebíamos castigo. Mandavam ficar em pé, ou não nos deixavam ir para o recreio, qualquer coisa assim (Jacques, 2012).

Para além dessas questões, as ex-alunas destacaram outras maneiras de rigor adotadas pelas irmãs. Uma

delas era a rigidez com que era tratada a vestimenta das meninas para irem à missa, como destacou uma das entrevistadas:

No domingo que íamos à missa [...], nós não podíamos ir pintadas, com fita no cabelo, porque a irmã Generosa dizia que íamos à Igreja para olhar os rapazes. Então, eu me lembro de uma ocasião, que nós nos arrumamos, colocamos fita no cabelo para irmos à Igreja. Quando nós estávamos descendo a escada, para formar a fila [...] ela fez todas as que estavam arrumadas, com fita [...] produzidas para ir à Igreja, voltar, tirar a fita e se despentear (Elias, 2012).

Destarte, as novas instalações sinalizaram outra fase escolar no Colégio Aparecida, com o recém-criado Curso Ginásial. Nessa direção, atendendo aos pedidos do Prefeito Adolfo Schneider, do Vigário Padre Adolfo Fedrizzi e da comunidade, a Madre Geral deu andamento à oficialização do Ginásio Nossa Senhora Aparecida, que também passou a atender as demandas do novo curso.

As aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida

Antes mesmo da oficialização do Curso Ginásial no Aparecida, o corpo docente já havia sido registrado. Em fevereiro de 1945, a Madre São Félix e Irmã Lunila de Porto Alegre foram até o município para encaminhar o registro do corpo docente do colégio, bem como suas respectivas disciplinas. Vale lembrar que, nesse momento inicial, o nome do professor João Callego ficou determinado para a docência na disciplina de Educação Física (Begossi, 2013).

A alteração no corpo docente da instituição esteve relacionada a uma série de mudanças ocorridas durante o Estado Novo no Brasil (1937-1945). Nesse período, por exemplo, milita-

res foram nomeados para ministrar a disciplina de Educação Física em instituições de ensino brasileiras. Para Gonçalves Jr. e Ramos (2005), eram ordinárias, durante o Estado-Novo, aulas de Educação Física com caráter metódico e nacionalista. Para Corrêa (2006), as décadas de 1930 e 1940 compuseram um momento histórico de valorização da Educação Física, sendo utilizada, pelo governo de Getúlio Vargas, como um instrumento capaz de incrustar pressupostos de seu ideário governamental na sociedade, tais como o fortalecimento da raça, o tipo físico pré-determinado e o nacionalismo.

Essa realidade, entretanto, não se fez presente no Colégio Nossa Senhora Aparecida. Mesmo tendo sido registrado, oficialmente, um novo corpo docente, não foram militares e nem professores leigos que assumiram, de fato, a Educação Física. Os registros analisados apontam que, em sentido contrário, foram as próprias irmãs que permaneceram à frente dessa disciplina, até o ano de 1949. Essa questão pode ser reafirmada através do trecho de um dos depoimentos das ex-alunas entrevistadas: “Eu não me recordo se tinham professores de Educação Física, viu? Eram as irmãs mesmo” (Miletto, 2012).

Além de assumirem as questões educacionais do colégio, as irmãs eram responsáveis também pelo bom andamento da instituição. Dessa forma, precisavam se revezar nas tarefas administrativas e organizacionais, conforme destacado:

[...] eram as irmãs que davam as aulas e que cuidavam do colégio. Elas davam todas as disciplinas, porque não tinham outras pessoas para ensinar a gente. A Madre Florência, que era diretora, também dava aula aos mais velhos (Elias, 2012).

As lembranças das ex-alunas trouxeram importantes vestígios relacionados ao desenvolvimento da Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida. Assim, ressaltando-se, inicialmente, o local onde foram desenvolvidas as primeiras aulas de Educação Física dessa instituição. Conforme relatado, o pátio da igreja matriz de Nova Prata, localizado ao lado do Colégio, foi o primeiro espaço utilizado pelas irmãs para o desenvolvimento das aulas de Educação Física. Essa realidade perdurou até meados de 1944, quando o colégio passou a contar com uma nova estrutura de salas e com um espaço amplo destinado às aulas de Educação Física (Begossi, 2013).

Não somente o Colégio Nossa Senhora Aparecida foi marcado por impasses e precariedades em sua fase inicial. Os grupos escolares de Belo Horizonte, por exemplo, conforme descreveu Vago (2000), também foram prejudicados pela inexistência de espaços físicos apropriados para as aulas. Em seu estudo, o autor destacou que as aulas de Educação Física detinham reduzida participação na distribuição dos tempos escolares e, por vezes, eram postas em “secundarização” em relação a outras disciplinas. Ademais, existiam dúvidas com relação à sua obrigatoriedade ou facultatividade, e era recorrente o despreparo de professores que assumiam o seu ensino.

No Colégio de Nova Prata, instituição que, com o passar dos anos letivos, registrou cada vez mais matrículas, as irmãs precisaram ter rigor em suas diferentes instâncias organizacionais para que conseguissem dar seguimento às atividades educacionais. Dessa forma, o extremo cuidado perpassava as questões administrativas e adentrava as salas de aula, incluindo, assim, as aulas de Educação Física. Com relação a essa disciplina, destaca-se, por exemplo, a obrigatoriedade da formação dos

alunos em filas para se dirigirem ao espaço destinado às aulas, bem como o minucioso registro de frequência, que controlava o número de aulas de Educação Física que cada aluno participava. Essas estratégias foram adotadas pelas irmãs para que tudo se mantivesse em ordem no colégio e para que o aprendizado fosse o mais efetivo possível (Begossi, 2013).

Em contrapartida a essas questões, que foram de significativa importância para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, era recorrente a substituição dessa disciplina por outras, como destacado neste trecho de um dos depoimentos:

Tinha que manter a ordem. Tinha que fazer um número certo de aulas, caso contrário, nos reprovavam, porque as aulas de Ginástica eram contadas como as demais matérias. Mas, às vezes, não tínhamos Ginástica para ter outras disciplinas, como História do Brasil [...] (Perin, 2012).

Outro impasse enfrentado nos primeiros anos letivos do Colégio Aparecida foi o reduzido número de irmãs. Assim, a maioria das turmas era mista e contava com um elevado número de alunos. Essa questão, sem dúvidas, tornou o trabalho das irmãs cuidadoso e, ao mesmo tempo, intenso. Abordando, particularmente, as aulas de Educação Física, conforme relatado pelas entrevistadas, algumas vezes chegaram a se concentrar entre 30 e 50 alunos, em um mesmo espaço, para a realização das aulas.

De fato, o número de Irmãs era reduzido, e isso implicou em indispensáveis adaptações para que o colégio continuasse com suas atividades educacionais. Uma dessas adaptações foi a de se criar turmas mistas, entretanto, mesmo que estivessem em um mesmo espaço, as irmãs posicionavam os meninos de um lado da sala e as meninas do outro. Durante as aulas de Educação Física, por sua vez, eram distanciados por colunas:

Os meninos faziam junto as aulas de Ginástica. Separados só nas colunas, mas as aulas eram juntos. [...] Tinham alunos de várias idades também nas turmas. [...] Nós tínhamos que fazer o que ela mandava. Ela era rigorosa que Deus o livre (Briani, 2012).

Esse cuidado com a divisão entre meninas e meninos, durante as aulas de Educação Física, pode ser percebido também através da exigência do uso do uniforme durante as aulas. De fato, não havia uma roupa especial para as aulas de Ginástica, conforme relato das ex-alunas. Os meninos tinham que usar calça e camiseta, sendo este o mesmo uniforme utilizado para frequentar as demais atividades educacionais: “Os meninos tinham uma roupa cor “caqui”, mas depois, teve uma época que eles usaram calça azul marinho também e camisa branca” (Tomedi, 2012). O uniforme das meninas, por sua vez, exigia delas um pouco mais de cuidado:

Todos nós usávamos uniformes. Era uma blusa branca e uma saia azul marinho. E, para as aulas de ginástica, usávamos o mesmo, não existia, naquela época, calção. Teve até umas alunas de Veranópolis que vieram de lá para estudar, que tinham calção, mas as Irmãs não as deixaram usar, de jeito nenhum. Eram saias compridas até os joelhos. [...] (Jacques, 2012).

Com relação aos conteúdos das aulas, a primeira lembrança que surge no imaginário das entrevistadas era expressa através de gestos: “[...] era aquela ginástica para cá, para lá [movimentando os braços], sabe?” (Elias, 2012). De fato, nenhuma das alunas mencionou a palavra Calistenia, entretanto, ao observarmos os movimentos ou mesmo a descrição dos gestos, foi notória a presença dessa prática durante as aulas. Para o professor Inezil Penna Marinho (1952 *in* Lyra, 2013), a primeira refe-

rência encontrada a favor da adoção da Calistenia no Brasil situa-se nos pareceres de Rui Barbosa, quando ele a enaltece e a prescreve ao sexo feminino. Sua origem encontra-se na Ginástica Sueca, associada à música e ao ritmo dos exercícios, defendendo o equilíbrio entre corpo e alma.

Para além das aulas de Calistenia, as ex-alunas entrevistadas destacaram a presença de alguns jogos desenvolvidos após as lições calistênicas. Citaram atividades como pega-pega, ovo-choco, esconde-esconde, caçador e atividades com corda, destacando que, nesse momento da aula, elas poderiam brincar.

Diante de tais evidências, o que se percebeu foi que as primeiras aulas de Educação Física do Colégio Nossa Senhora Aparecida já contavam com um plano de aula minimamente estruturado, tendo, assim, dois momentos distintos e com diferentes formas de abordagem pela professora. O primeiro momento da aula era quando se realizavam os exercícios calistênicos, de uma maneira mais formal, e o segundo momento, mais recreativo, compunha-se de jogos e brincadeiras (Begossi, 2013).

Em consonância com essa estruturação de aula, destacamos o plano de estudos do professor Gaelzer. Suas aulas de Educação Física também eram divididas em duas partes: a parte formal e a parte recreativa. Na primeira, encontravam-se inscritos os exercícios calistênicos, objetivando atingir questões fisiológicas, já na segunda, estavam presentes os bailados, as marchas e os jogos, com uma finalidade mais recreativa e ao alcance das funções psíquicas do indivíduo (Lyra, 2013).

A organização de conteúdos das aulas de Educação Física também foi notada por Vago (2000) em sua investigação. Sua descrição das aulas se aproxima, em alguns assuntos, do modelo do professor Gaelzer. Entretanto, em sua estruturação de

aula, depois de realizadas as séries calistênicas, as crianças poderiam “brincar em liberdade” no pátio, estando acompanhadas pela professora. Para o referido autor, essa etapa era uma forma de compensação à racionalidade imposta pelos exercícios regulados, presentes no início da “sessão”.

Vale ser lembrado que, nos primeiros anos de funcionamento do Colégio Nossa Senhora Aparecida, a Educação Física estava passando por um processo de transição relacionado a seus conteúdos, vindo a se firmar, em meados da década de 1940, como um movimento esportivo. Tal mudança também se fez presente, mesmo que de maneira inicial, no Colégio Aparecida. Assim, questões relacionadas às mudanças de conteúdos emergiram durante o depoimento das ex-alunas:

Na parte de Educação Física, pelo que eu me lembro, tinha: [...] caçador, pula corda, depois começou vôlei. [...] Bom, depois de grande, já mais mocinha, eu adorava jogar vôlei. [...] Eu gostava muito de Educação Física, na verdade, era Ginástica na época (Tomedi, 2012).

Dessa forma, foi possível perceber que um pouco antes de deixarem a instituição de ensino, em meados da década de 1940, o esporte já estava começando a se inserir nas aulas, entretanto, acreditamos que isso tenha se dado de maneira inicial, mesmo, durante o início da década de 1950 no Colégio.

Essa mudança na ênfase dos conteúdos a serem privilegiados nas aulas de Educação Física refletiu também o paradigma político da época. Desse modo, com o Estado Novo (1937-1945), a Educação Física escolar passou a atuar no sentido de incumbir na realidade social do país, principalmente nos adolescentes, valores como o patriotismo (Corrêa, 2006). Para tanto, uma das

políticas desenvolvidas por Vargas foi a Campanha de Nacionalização, destinada à difusão de códigos espirituais e corporais que conformariam o cidadão brasileiro de acordo com as exigências dos novos processos econômicos. É nessa realidade que o esporte passa a ser privilegiado no método oficial, tornando-se o principal componente do repertório de saberes, a serem ensinados no ambiente escolar pela Educação Física.

A partir de tais apontamentos, o que se pode perceber é que, de certa maneira, o Colégio de Nova Prata acompanhou algumas das modificações educacionais ocorridas a âmbito nacional, como, por exemplo, mudanças sutis relacionadas aos conteúdos das aulas de Educação Física. Entretanto, a presença de militares foi lembrada apenas durante a preparação para as comemorações da Semana da Pátria, no que tangia ao momento dos ensaios da marcha, para o desfile comemorativo. Esses ensaios, por sua vez, iniciavam muito antes do mês de setembro e, em decorrência disso, os objetivos das aulas de Educação Física eram modificados.

As aulas de Educação Física e a preparação para a Semana da Pátria

O período do Estado-Novo (1937-1945) marcou os cenários político, social e educacional do país por meio da busca de um ideário nacionalista, que objetivava a formação de um cidadão civilizado e direcionado ao trabalho. As escolas, por sua vez, desempenharam papel fundamental, pois serviram de modelo a seus alunos, ensinando-os o valor do amor e do respeito à Pátria. Aliada a essa perspectiva, a Educação Física objetivava o desenvolvimento de uma saúde equilibrada, tornando os alunos sadios e resistentes. Por esse motivo, a Educação Física era

vista como sendo uma disciplina que possuía uma ação disciplinadora do homem “novo” (Vaz, 2006).

Esses pressupostos adentraram as salas de aula do Colégio Nossa Senhora Aparecida e fizeram parte da formação educacional de numerosos jovens naquela época (Begossi, 2013). Questões relacionadas ao respeito à Pátria, ao sentimento nacionalista, eram traduzidos através de ações cotidianas dentro do espaço escolar, como, por exemplo, o ato de entoar o Hino Nacional com mais frequência durante as comemorações da Semana da Pátria: “Nós cantávamos o Hino Nacional mais seguido durante Semana da Pátria. Nossa, naquela época, a gente tinha respeito, não se falava quase nada. E éramos cobradas, nas redações e tudo” (Lenzi, 2012).

Como destaca Vaz (2006), a comemoração da Independência do Brasil foi uma das datas cívicas mais celebradas durante o período do Estado-Novo. O Dia da Pátria incluía-se nas comemorações da Semana da Pátria, juntamente ao Dia da Raça, no dia três de setembro, e ao Dia das Escolas, no dia seis de setembro. Tais comemorações se tornaram ainda mais visíveis durante o Estado-Novo, e as escolas passaram a se envolver mais efetivamente com a sua organização, uma vez que as festas cívicas eram tidas como uma oportunidade de se externizar o que, de fato, estava sendo transmitido aos alunos. Para além dessas questões educacionais, as comemorações oficiais constituíam-se como formas de propaganda política favorável ao governo de Vargas.

Como destaca Vaz (2006), as festas cívicas nas décadas de 1930 e 1940 tinham participação efetiva de crianças, jovens e da população em geral, os quais lotavam praças, escolas e estádios de futebol. O estudo de Mazo e Rolim (2007) apresenta indícios do envolvimento

dos clubes nessas comemorações. Essa realidade também pode ser observada no município de Nova Prata, conforme destacado em um dos trechos dos depoimentos: “A população toda ia assistir, meu Deus! Aquilo enchia de gente assistindo [...]. Eu lembro que tinha os colégios, mas o resto eu não lembro. Ah, mas era um tempo bom” (Lenzi, 2012).

A preparação para essas datas comemorativas adentravam o ambiente escolar e se faziam presente em seus espaços físicos, em materiais didáticos, tais como cartilhas, manuais e cartazes, interferindo no cotidiano escolar (Vaz, 2006). No Colégio Nossa Senhora Aparecida, os preparativos para as comemorações do Dia da Pátria iniciavam um tempo antes do mês de setembro. Assim, as demais atividades educacionais também eram modificadas nesse período, principalmente as aulas de Educação Física, as quais se voltavam, exclusivamente, para o ensaio da marcha:

Ah, eu me lembro. Era uma coisa rígida, e a gente se preparava muito tempo antes para os desfiles. Exercícios de manhã à noite, era uma coisa assim, muito severa. [...] Na Semana da Pátria, nós ficávamos ensaiando, era sagrado, nem aula tínhamos quase, era mais assim, se preparar para marchar. Era muito bonito (Miletto, 2012).

Os ensaios da marcha para o desfile cívico foram lembrados por terem sido extensos e cansativos. Os alunos, por sua vez, dividiam-se em pelotões de meninos e meninas, sendo organizados também por idade e estatura. Além disso, as alunas destacaram a ida de militares ao município especialmente para ensiná-los a marcha e ensaiá-los durante o período que antecedia as comemorações da Semana da Pátria:

Tinha um soldado, um milico, ele que nos ensinava marchar e tinha que ir “muito bem, obrigado”. Bem arrumadinho. Eu me lembro que teve um ano que, no dia sete de setembro, nós fomos desfilar e tinha geada e nós com roupa de manguinha curta (Tomedi, 2012).

Ao mesmo tempo em que relatavam o empenho dos alunos nos ensaios, as alunas admitiam que esta era a comemoração mais aguardada durante todo o ano letivo, percebendo, dessa forma, um movimento em prol da organização, por toda a comunidade escolar. Assim, enquanto os alunos ensaiavam a marcha, as irmãs uniam-se na produção de frases alusivas à Independência, faixas comemorativas e enfeites para o desfile:

Era uma maravilha, sabe? Elas faziam uma porção de enfeites de coisas. Até uma vez eu fui comandando um pelotão [...]. Nós sempre íamos e elas sempre enfeitavam muito, era muito bonito, sabe? Nós íamos com bandeiras, faixas, às vezes, com letras feitas de flores, com dizeres. Era muito bonito, elas eram muito caprichosas [...]. Era muito tempo de preparação antes, nossa, e como era [...] Tínhamos que ensaiar a marcha também (Elias, 2012).

As escolas, de fato, organizavam as grandes atrações das comemorações e a imprensa, por sua vez, exibia com honra seus desfiles, mostrando a preocupação das instituições de ensino com as “cousas da pátria” (Vaz, 2006). Em Nova Prata, os alunos do colégio, além de desfilar, declamavam poesias alusivas à independência durante as comemorações.

Nessas comemorações, valores eram disseminados entre a população e reforçados juntamente ao público escolar. Assim, elementos religiosos e políticos eram retratados

por meio de práticas educativas, especialmente através das apresentações artísticas e/ou esportivas, as quais detinham sempre um discurso voltado ao respeito à Pátria. De fato, o governo da época viu nas escolas um instrumento útil para o seu projeto de construção da “nova” nação, inculcando, dessa forma, ideias de civismo e trabalho em prol do desenvolvimento da Pátria. Tais festividades foram úteis também na aproximação entre a escola e a comunidade, em meio ao culto patriótico e difusão de noções de civismo.

Considerações finais

As posturas investigativas que assumimos diante das fontes históricas coletadas ao longo do processo conduziram-nos ao encontro de um colégio polissêmico. O Colégio Nossa Senhora Aparecida foi atravessado pelo engendramento das ações políticas, culturais, econômicas e educacionais de seu tempo. Cabe lembrarmos, portanto, que a origem da referida instituição, no ano de 1937, remonta a um tempo e a um espaço histórico que imprimiu uma lógica de funcionamento muito peculiar à sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, estipulou objetivos muito bem definidos a serem alcançados como consequência quase direta do bom andamento dessa lógica.

Assim, os principais setores públicos e privados que formavam a base da sociedade brasileira foram recrutados e redimensionados para levar a feito a construção imediata de um novo Brasil. O tempo corria, e as relações se complexificavam na trama organizacional da emergente nação republicana e, a essa altura, já não era mais considerado suficiente se distanciar, temporalmente, do antigo e atrasado marco imperial. Antes, era necessário escrever de novo o Brasil, ou seja, reescrevê-lo em suas estruturas mais basilares.

Nesse sentido, na mesma medida em que o corpo passou a ser compreendido como uma das principais manifestações dos significados pretendidos à nova nação brasileira, tornava-se objeto de interesse e lapidação da correspondente política educacional emergente. Afinal, na nova ideia de Brasil, não havia mais espaço para se admitir mensagens contraditórias e confusas, distorções de um modelo idealizado, ou mesmo releituras e interpretações vindas de fora: o corpo do novo brasileiro deveria representar a saúde, o progresso, a limpeza, o domínio e, sobretudo, o equilíbrio harmônico de todas essas ações com eficácia e eficiência próprias.

Nessa empreitada de educação e civismo, a educação, sobretudo aquela ocorrida no interior das escolas primárias, secundárias e normais do Estado, despontava nesse cenário pedagógico como um dos principais veículos de acesso “natural” ao novo modelo circulante no âmbito nacional. Em outras palavras, longe de ser um processo espontâneo, a educação escolarizada assumiu essa função de inserir, gradativamente, o indivíduo recém-chegado (a saber, as crianças e jovens) ao mundo social, que, com suas regras de funcionamento pré-estabelecidas, já o precedia. Assim, nesse processo de mudanças de posições no espaço social, a escola se esforçava no trabalho pedagógico de transformar a criança no aluno, ao imprimir-lhe uma educação voltada à adequação de suas potencialidades à manutenção ou avanço da sociedade que emergia.

No que tange à implantação e ao funcionamento das aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida, alguns achados se tornaram valiosos. De acordo com as fontes consultadas, percebeu-se que as irmãs, nos primeiros anos de funcionamento do colégio, assumiram diferentes funções na

instituição educativa. Dessa forma, além das questões administrativas e organizacionais, eram de responsabilidade delas também as disciplinas escolares, incluindo-se as aulas de Educação Física. Segundo as fontes documentais consultadas, essa realidade se fez presente até o ano de 1945, quando o colégio passou a oferecer o curso Ginásial e, em detrimento disso, registrou-se um novo corpo docente. A partir desse ano, as aulas de Educação Física ficaram sob a responsabilidade do professor João Callego, que, segundo as fontes documentais, assumiu a disciplina de “Educação Física do Ministério, Educação e Saúde”.

Em relação à seleção de conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física, tornou-se possível assegurar que as referidas aulas, no período de 1937 até 1949, acompanharam, de certa forma, as mudanças de conteúdos e de abordagens ocorridas no cenário mais amplo do país. De fato, passou-se dos conteúdos baseados exclusivamente nos métodos ginásticos, como a marcha e a calistenia, para a progressiva inserção de jogos e posterior incorporação do esporte nas aulas. Este, por sua vez, inseriu-se um pouco antes das alunas entrevistadas deixarem a instituição de ensino, ou seja, em meados da década de 1940.

Já as questões didático-pedagógicas vêm à tona de forma interessante e diretamente vinculadas aos objetivos cívicos do contexto. Percebeu-se que as primeiras aulas de Educação Física do colégio já contavam com um plano de aula minimamente estruturado, tendo, assim, dois momentos distintos e com diferentes formas de abordagem pela professora. Desse modo, o primeiro momento da aula compunha-se de uma dinâmica mais formal, sendo realizados exercícios calistênicos. Já o segundo momento, mais recreativo, era composto por jogos e brincadei-

ras. Entretanto, as alunas entrevistadas destacaram que os objetivos, bem como os conteúdos das aulas de Educação Física, modificavam-se à medida que se aproximava o mês de setembro e, conseqüentemente, as comemorações da Semana da Pátria. Assim, a estrutura padrão das aulas de Educação Física cedia lugar aos “ensaios da marcha”, como, de fato, eram denominados pelas senhoras. Vale destacar que essa questão foi uma das principais lembranças pontuadas pelas entrevistadas.

Destarte, investigar as aulas de Educação Física em uma instituição educacional católica configurou-se como algo importante, na medida em que nos permitiu penetrar em um espaço escolar mergulhado em um universo de valores católicos em relação à família, à moral e aos valores cívicos. Ao retratar, neste texto, as memórias do Colégio Nossa Senhora Aparecida, de Nova Prata (RS), no período de 1937 até 1949, este trabalho tornou-se relevante para compreender o trabalho educacional desenvolvido em um espaço escolar, em determinado período, por uma congregação religiosa. Diante disso, esta investigação se justifica por ser uma forma de registro histórico que vem a contribuir para com a preservação da memória do processo de escolarização da Educação Física no Rio Grande do Sul.

Referências

- ALBERTI, V. 2005. *Manual de História Oral*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 234 p.
- AMARAL, G.L. 2003. *Gatos Pelados x Galinhas Gordas: Desdobramentos da Educação Laica e da Educação Católica na cidade de Pelotas. Décadas de 1930 a 1960*. Pelotas, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas, 338 p.
- BEGOSSO, T.D. 2013. *As aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata/RS (1937-1949)*. Porto Alegre, RS. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 105 p.

- BOSI, E. 1994. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 448 p.
- BOURDIEU, P. 1983. Algumas propriedades dos campos. In: P. BOURDIEU, *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, p. 89-94.
- BOURDIEU, P. 1996. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 432 p.
- BRIANI, C.C.B. 2012. Entrevista concedida à Tuany Defaveri Begossi. Nova Prata, RS, 26 jul. 2012. Transcrição: Tuany Defaveri Begossi.
- COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA. [s.d.] [a]. *Histórico do Colégio Nossa Senhora Aparecida*. Nova Prata, RS. Disponível na Secretaria Administrativa do Colégio. Consulta realizada em março 2012. Documento com informações relacionadas à fundação da instituição.
- COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA. [s.d.] [b]. *Relatório das Atividades da Escola Particular Nossa Senhora Aparecida – Desde a sua fundação*. Nova Prata, RS. Disponível na Secretaria Administrativa do Colégio. Consulta realizada em março 2012. Documento com informações relacionadas às atividades desenvolvidas pela instituição.
- CORRÊA, D.A. 2006. Ensinar e aprender educação física na “era Vargas”: lembranças de velhos professores. In: Congresso Nacional de Educação, VI, Curitiba, 2006. *Anais... EDUCERE*, 1:1-13.
- CORSETTI, B. 2006. Análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. *UNIREVISTA*, 1:32-46.
- ELIAS, A.S.E. 2012. Entrevista concedida à Tuany Defaveri Begossi. Nova Prata, RS, 28 ago. 2012. Transcrição: Tuany Defaveri Begossi.
- FARINA, G. 1986. *História de Nova Prata*. RS. Caxias do Sul, EDUCS.
- FURTADO, A.C. 2002. História de um espaço escolar feminino: O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto/SP (1918-1960). In: Caderno de Resumos do II Congresso Brasileiro de História da Educação, II, Natal, 2002. *Anais... História e Memória da Educação Brasileira*, 2:1-11.
- GALEAZZI, Z. 1998. *100 anos da cidade de Nova Prata*. Casca, Toazza Artes Gráficas Ltda.
- GALEAZZI, Z. 1982. *O Grande Prata e sua história*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes.
- GONÇALVES JUNIOR, L.; RAMOS, G.N.S. 2005. *A educação física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal*. São Carlos, EDUFSCar, 29 p.
- IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. [s.d.]. Histórico. Disponível em: <http://www.icm-sec.org.br/>. Acesso em: 08/08/2013.
- JACQUES, M.L.V. 2012. Entrevista concedida à Tuany Defaveri Begossi. André da Rocha, RS, 25 jul. 2012. Transcrição: Tuany Defaveri Begossi.
- LENZI, N.C. 2012. Entrevista concedida à Tuany Defaveri Begossi. Nova Prata, RS, 27 jul. 2012. Transcrição: Tuany Defaveri Begossi.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. 2007. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 99 p.
- LYRA, V.B. 2013. *A Criação da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul: Formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970)*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 265 p.
- MAZO, J.; ROLIM, L.H. 2007. Os clubes esportivos e sua participação na ‘Semana da Pátria’ em Porto Alegre: desfiles e competições cívico-educativas (1930/1940). *Arquivos em Movimento (UFRJ)*, 3:67-83.
- MEIHY, J.C.S.B. 1996. *Manual de História Oral*. 4ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 248 p.
- MILETTO, Z.C. 2012. Entrevista concedida à Tuany Defaveri Begossi. Nova Prata, RS, 14 ago. 2012. Transcrição: Tuany Defaveri Begossi.
- PERIN, A.L. 2012. Entrevista concedida à Tuany Defaveri Begossi. Nova Prata, RS, 30 jul. 2012. Transcrição: Tuany Defaveri Begossi.
- PIMENTEL, A. 2001. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 114:179-195.
- <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742001000300008>
- SOARES, C.L. 1996. Educação Física escolar: Conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, supl. 2, p. 6-12. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo1.pdf>. Acesso em: 07/07/2012.
- TOMEDI, A.I. 2012. Entrevista concedida à Tuany Defaveri Begossi. Nova Prata, RS, 13 ago. 2012. Transcrição: Tuany Defaveri Begossi.
- VAGO, T.M. 2000. Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Física e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). *Educar*, 16:121-135.
- <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.210>
- VAZ, A.C. 2006. *A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado-Novo (1937-1945)*. Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 131 p.
- WERLE, F.O.C. 2004. História das instituições escolares: de que se fala? In: J.C. LOMBARDI; M.I.M. NASCIMENTO (org.), *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas, Autores Associados, p. 13-35.
- XERRI, E.G. 2004. *Nova Prata: uma incursão na história*. Caxias do Sul, EDUCS.

Submetido: 12/06/2014
Aceito: 22/12/2014

Tuany Defaveri Begossi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física
Rua Felizardo, 750
90690-200, Porto Alegre, RS, Brasil

Vanessa Bellani Lyra
Universidade de Caxias do Sul
Cidade Universitária
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil

Janice Zarpellon Mazo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física
Rua Felizardo, 750
90690-200, Porto Alegre, RS, Brasil